

(Org.)

Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet

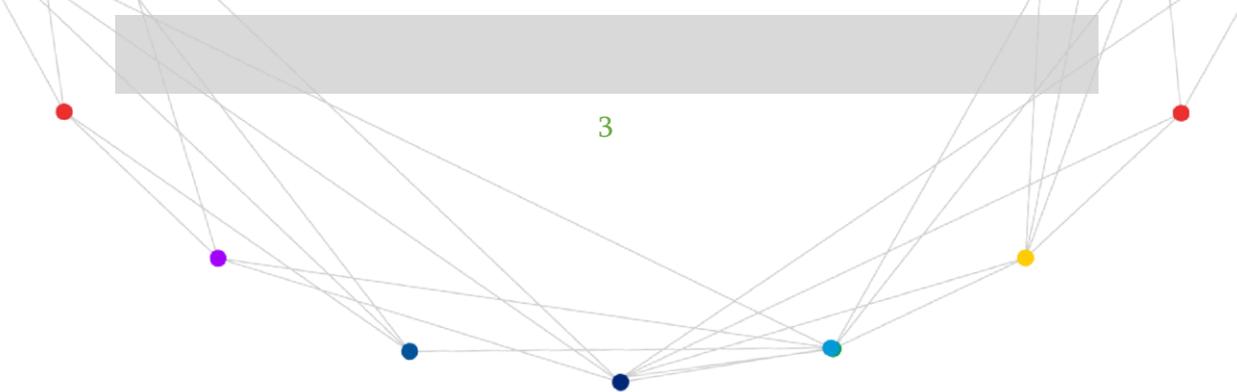
REPEF

III Encontro da Rede de movimentos Freinet da América:

DIÁLOGOS ENTRE CÉLESTIN FREINET E PAULO FREIRE

REMFA – 2021 – Brasil

Edições Hipótese



(Org.)

Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet

REPEF

III Encontro da Rede de movimentos Freinet da América:

DIÁLOGOS ENTRE CÉLESTIN FREINET E PAULO FREIRE

REMFA – 2021 – Brasil

Edições Hipótese

Copyright autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

R425e REPEF.
III Encontro da rede de movimentos Freinet da América: diálogos entre Célestin Freinet e Paulo Freire / REPEF (org.). – Itapetininga: Edições Hipótese, 2022.
248p.

Bibliografia
ISBN: 978-65-87891-23-1

1. Educação. I. Título.

CDU - 370

Editora: Edições Hipótese
Capa e diagramação: Le Nogueira
Comissão Organizadora:
Adriana Pastorello Buim Arena
Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros
Leandro Nogueira da Silva Carvalho
Lucianna Magri de Melo Munhoz
Rodrigo de Oliveira Martins
Zelito Sampaio



PEDAGOGIA FREINET E O USO DO ALFABETO MÓVEL: REPAROS NECESSÁRIOS

Adriana Pastorello Buim Arena
Universidade Federal de Uberlândia
dricapastorello@gmail.com
Brasil

INTRODUÇÃO

No momento em que a alfabetização brasileira sofre com a imposição do método fônico, decretado pelo Ministério da Educação (2019-2022) - órgão oficial do governo de extrema direita, que subiu ao poder pelo voto popular - como a bandeira salvadora dos pequenos não alfabetizados, é preciso encontrar caminhos para lutar no espaço da sala de aula, - a única possibilidade concreta de mudança, porque é lá no chão da escola que podemos criar uma outra cultura escolar -, contra o retrocesso que este método impõe em relação às conquistas no campo da aprendizagem inicial da linguagem escrita, notadamente os atos de ler e de escrever.

Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1986) influenciaram os rumos da alfabetização no Brasil e os professores que conheceram as pesquisas lideradas por estas autoras ampliaram a visão sobre o sistema da escrita que permitiram à

criança construir seus próprios textos ao seguir o caminho inverso da escola tradicional que insistia apenas em cópias e ditados. As cartilhas foram aos poucos deixando de ser o único material escrito no universo da alfabetização e seu uso hegemônico foi abalado. Em 2022, temos livros de literatura para crianças circulando nas escolas, não na quantidade ideal, mas já existem. Os gibis não são proibidos, como foram outrora. Muitas professoras já deixaram de lado a cartilha, mas não conseguiram ainda se afastar da concepção metodológica que elas portavam, organizadas sempre pelos parâmetros dos métodos tradicionalmente usados para ensinar a escrever e a ler: sintético, analítico ou global, fonético ou de soletração. Não se pode negar que as ações vão crescendo pouco a pouco, e que seus rastros vão deixando a escola com outra cara.

Nesse cenário educacional, um pouco de vida começou a entrar nas escolas por portas entreabertas de professoras que tateiam uma pedagogia para voltada para a construção de um mundo mais justo e mais fraterno. O docente que tanto já caminhou sabe que uma relativa liberdade de cátedra lhe permite deixar passar esse cavalo do método fônico sem pular em sua garupa, porque ele nos levará à desastrosa fábrica de decifreadores de sons que não foram ensinados a compreender.

Por considerar a evolução histórica no processo de alfabetização e pela consciência de que as pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1986) indicavam um caminho melhor que aquele do ensino com cartilhas, este ensaio tem o objetivo

de pensar e de analisar, mas também fazer reparos, a respeito da prática do uso do alfabeto móvel, herança do construtivismo, no processo de alfabetização, especialmente sua confecção em caixa alta e sua limitação quanto à apresentação dos caracteres utilizados na escrita. Para avançar na proposta de substituir a prática do alfabeto móvel pela do conjunto de caracteres tipográficos, as discussões serão baseadas em dois autores: Freinet (1974; 1977) e Bajard (2021).

O ENSINO DA ESCRITA COM CARACTERES MÓVEIS

Já no início do século XX, Freinet (1977) abandonou a cartilha e junto com ela a imensa maioria dos métodos que insistiam em cumprir o B-A-B-A; trouxe o prelo para sua sala de aula, de portas sempre escancaradas para a vida e para as novas tecnologias. A prensa tipográfica manual não era uma novidade para a sociedade da época, mas seu uso no ambiente escolar, para publicar os textos produzidos pelas crianças, era absolutamente inovador.

Juntamente com essa prática, o princípio essencialmente alfabético de construção da escrita começa a ser abalado, porque o conjunto de caracteres fabricados em chumbo não continham apenas letras, mas todos os demais sinais usados

para escrever, os quais serão nomeados a partir de agora por caracteres, assim como propôs Bajard (2021, 88-89):

Nós nos afastamos do conceito de que o sinal básico da escrita seria a letra, ligado ao som, tampouco o grafema representante do fonema, mas consideramos que a unidade da escrita é o traço, ou sua ausência, deixados no papel pelo tipo móvel de Gutenberg, o caractere.

O interesse dessa abordagem é múltiplo:

- O caractere é vinculado ao significado (como letra e não como grafema);

- O caractere é individualizado sem ambiguidade na linha por pequenos espaços em branco;

- O caractere é uma unidade que se expõe permanentemente aos olhos, enquanto o fonema é efêmero. Assim o que é dito se esvai;

- O caractere, por ser silencioso, possui legitimidade para fundamentar a leitura visual ambrosiana.

Por operar fora das relações entre som e letra, a prática das crianças engajadas em uma escrita com duas caixas evidencia essa função de significação do caractere. A esse último, pertence uma corresponsabilidade discursiva: a troca de um caractere muda ou destrói o sentido da palavra.

Freinet, mesmo que seu interesse específico não estivesse ligado aos estudos da natureza da linguagem escrita, ao propor o ensino ligado à vida, colocava os alunos, durante o trabalho de composição das linhas do prelo, a reconhecer que não havia apenas o caractere A mas a, à, á, ä, ã, â, @. Ao manipularem os caracteres para compor um texto a ser impresso, seus alunos descobriam que não era possível estabelecer uma relação direta e transparente entre grafema e fonema e que essa relação com o som não existia para muitos caracteres.

Nas imagens a seguir é possível verificar que o texto produzido pelos alunos de Freinet está muito mais atualizado às necessidades sociais, porque em toda parte circulam materiais impressos que usam todos os caracteres necessários para a leitura, que atualmente, considerando o processo de evolução da escrita, é feita para os olhos. No entanto, alunos do século XXI em escolas brasileiras usam apenas as letras em caixa alta, que dificultam a percepção pelos olhos e desrespeitam as conquistas feitas pela tipografia. As professoras oferecem a caixa alta na crença de que é mais simples de traçá-las. Nas décadas anteriores às de 1980, as crianças usavam apenas as letras manuscritas e davam conta do ato. Era o mundo do manuscrito dominado pelo lápis e pela caneta. Por que agora não conseguiriam usar a dupla caixa?

Presque
tout le monde
a eu
la varicelle

cette année



Imagem 1
Texto impresso – Sala Freinet
Fonte: Freinet (1974, p. 50)

Tradução:
Quase todo mundo
teve varicela esse ano.
Martine e Jean-Daniel
com a varicela.

MARILIA, 08 JUNHO 2009
 OLA JOQUELINE, COMO
 VOCE ESTA AQUI ESTOU BEM
 GRAÇAS A DEUS, MAS ESTA
 MUITO FRIO E AI?
 EU TENHO UM IMAOTINHO
 O NOME DELE É BRUNO E
 VOCE TAMBÉM TEM IMAO
 (A)?
 AONDA VOCE MORIA TE
 LUGAR PARA PASSEAR QUE
 É BONITO?
 A MINHA CLASSE VAI
 PASSEAR NO BOSQUE PARA
 UTILIZAR O AVESTRAL.
 NA MINHA CASA TENHO
 VARIOS BICHINHOS 3 CANARI-
 NHOS, 1 CACHORRO SE CHAMA
 SOLENE E 1 GATINHO
 SE CHAMA DOCIADO ESTA
 SENDO UM PRATLER TE
 CONHECER UM ABRACO

Imagem 2
 Texto manuscrito - Sala de 2009
 Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para avançar nessa reflexão, é preciso considerar que há um conjunto mais amplo a ser apresentado para a criança porque ele, além das letras, inclui a dupla caixa – maiúsculas e minúsculas – e ainda se juntam a elas todos os demais caracteres normalmente desprezados no processo de alfabetização, quando baseados em métodos tradicionais, sintéticos ou analíticos.

A barra de chumbo que representa o espaço em branco, necessário entre cada palavra, precisava ser procurada pelos olhos das crianças da escola de Freinet que estavam montando o texto no prelo, e assim faziam a descoberta, nem sempre consciente, de que o primeiro caractere de uma palavra é um caractere mudo. Isso abala a proposta de ensino da linguagem escrita pela imposição da relação grafema-

fonema tão insistida pelo método fônico. Os caracteres (. : ? / + = ! " ª ç & \$ ` §) e tantos outros fazem parte do universo da escrita, produzem sentido no texto. Freinet (1977, p. 30) ao relatar sua prática de substituir os manuais didáticos pelos textos das próprias crianças, apresenta também o funcionamento da imprensa para sua materialização:

Temos de dar um sentido afetivo e humano aos textos lidos e escritos. É esta revivificação que nós realizamos através do texto livre. Mas ainda fazemos mais. O texto livre assenta a construção global, já solidamente sustentada pelos pilares afetivos e sociais. Através da caça às palavras, da gramática viva, vamos construindo, pedra a pedra e metodologicamente, as paredes intercalares.

Este texto vivo, que está agora no quadro na sua forma definitiva, vamos compô-lo e imprimi-lo. Isto é, letra por letra e palavra por palavra, reconstruímos a sua estrutura técnica. E esta reconstrução não é arbitrária nem gratuita. É motivada. Ela é indispensável na sua perfeição à vida do texto. A imprensa não admite erros. Os erros cometidos devem ser corrigidos. Assim, face à perversão nascida, menos na escola, como dissemos, do que de um meio que já não conhece, no que respeita à leitura e à escrita, o nobre trabalho minucioso do artesão, nós recriamos os circuitos de técnica e de vida indispensáveis.

Seu trabalho subverteu a ordem do ensino da leitura e da escrita proposto pela escola tradicional. Abandonou os manuais escolares para dar vez e voz ao texto da criança, que era absolutamente livre para escrever sobre o que fazia sentido para ela. Além disso, sem que houvesse discussões avançadas sobre a natureza híbrida do sistema de escrita, ele avançou nessa direção ao oferecer aos pequenos aprendizes da língua francesa o conjunto amplo de caracteres que não mantinha nenhuma relação com o som.

Em 2022 não há prelo na sala de aula. Seria difícil encontrar um para fazer como o mestre pedagogo fez.

Provavelmente, nem mesmo ele o utilizaria neste século, porque acompanhava a evolução tecnológica, fazia na sala de aula aquilo que se fazia na vida, e hoje não usamos mais o prelo; ele está nos museus para conhecermos o processo de evolução da escrita e da imprensa. Atualmente, os homens têm acesso a todos os caracteres pelo celular *smart* ou pelo teclado do computador. Basta um comando e o sinal gráfico desejado se apresenta. Para Freinet (1977, p. 20 e 39) “nada de grande se faz fora da vida. [...] A vida evolui e devemos evoluir com ela, atentos ao que nos oferece de construtivo e eminente, no mundo que as nossas crianças terão de dominar e subjugar.”

Se não temos mais o prelo, temos a obra de Freinet que nos ensina a caminhar com a evolução das tecnologias. Aos alfabetizadores é imprescindível estar informados das discussões recentes sobre a natureza da linguagem escrita, do desenvolvimento infantil, das conquistas tecnológicas da sociedade e de prática pedagógicas que rumam em favor da igualdade entre os homens. Ao mesmo tempo em que a criança se apropria da linguagem escrita, também desenvolve habilidades novas em seu psiquismo, porque

A letra não é um objeto comum do mundo físico, tampouco sua imagem fotográfica como, por exemplo, uma colher reconhecível em qualquer posição no espaço. A partir da experiência com as representações fotográficas, a criança aprende que duas imagens distintas da colher pertencem ao mesmo objeto visto de dois pontos de vista. A abordagem da escrita exige romper a lógica do objeto do mundo físico, pois o caractere é um objeto simbólico que adquire um valor visual conforme sua orientação. (BAJARD, 2021, p. 70).

O autor avança na explicação do caractere como objeto simbólico quando demonstra que apenas o traçado de uma linha poderia distinguir uma mesma forma gráfica (d) em quatro caracteres distintos:

d b
q p

Somente a linha do prelo ou do caderno seriam capazes de mostra a orientação das hastes ascendentes e das descendentes, que validariam por sua disposição na linha o seu reconhecimento visual. O alfabeto móvel em caixa alta não possibilita essa reflexão. O prelo de Freinet sim. Voltar-se-ia com o prelo nas salas Freinet? Não seria possível, porque a sociedade não produz mais tipos móveis. Usar-se-ia o smartphone, o computador? Seriam ferramentas verdadeiramente úteis que acompanham a evolução das tecnologias. Entretanto, o financiamento oficial está longe de conseguir esses equipamentos para todas as crianças pobres. As ricas já os têm e trabalham com eles no dia a dia, em casa, porque na escola segue proibido. Essa desigualdade mantém firme a divisão de classes, a classe dominada e a classe de dominadores. Dois mundos bem distintos.

Há uma saída se oferecermos à classe trabalhadora o que foi oferecido à nobreza do século XVII.

O ESCRITÓRIO TIPOGRÁFICO

A elite sempre recebeu a melhor educação em tempos de monarquia e em tempos de república e de escola pública, gratuita e laica para todos! Uma ironia da classe dominante! A classe trabalhadora nunca recebeu a mesma educação. No século XVII, Louis Dumas inventou para os nobres da época um sistema como o da imprensa. Construiu caixas e em cada uma delas havia letras que as crianças podiam manusear para fazer a composição do texto. Esse material se inspirou no sistema tipográfico e era chamado na França de *Bureau typographique* (escritório tipográfico).

Penso que essa experiência vivida pelos nobres franceses no processo de aprender a ler e a escrever poderia servir de parâmetro para o ajuste da prática do alfabeto móvel nas salas de alfabetização, enquanto não temos os *smartphones* e os computadores para as crianças pobres. Na obra *Foucambert e Bajard: o encontro de Paris*, Arena e Arena (2021, p. 98-100) fizeram uma longa tradução que permite conhecer como era constituído o escritório tipográfico. Reproduzo-a.

Esse conjunto, inventado por Luis Dumas (Nîmes, 1676 -1744), era usado inicialmente para ensinar os príncipes no reinado de Luís XV. Com o intuito de adicionar mais informações aos comentários, inserimos dados e imagens desse engenho de escrita retirados do Museu Nacional de Educação, França.

“A Biblioteca de crianças ou Os primeiros elementos de letras, contendo o sistema de Escritório Tipográfico. O novo ABC

latim. O novo ABC francês. O ensaio de um rudimento prático da língua latina. A introdução geral à língua francesa. Diferentes peças de leitura para as primeiras noções de artes e ciências etc. Para o uso do Príncipe e dos augustos filhos da França. Louis Dumas (1733)”.

“Descrição. Cofre em madeira, letras, números etc. impressos sobre papel firme. As letras, números e sinais de pontuação impressos em fichas de papelão são inseridos em guias de papel para reconstituir as letras e as frases dos modelos. Medidas: altura: 105mm; largura 235mm; profundidade: 100mm. Notas: J.G. Mérigot, livreiro em Paris, Rua Pavée St. André, n. 7. Louis Dumas é o inventor do Escritório Tipográfico (1733) que permite à criança manipular as letras, números, sinais de pontuação, arrumados em escaninhos, e os dispor nas guias de papel, para compor os sons ou as palavras solicitadas, como fazia o impressor com seus caracteres. Datação de acordo com a etiqueta da época, modificando o endereço do livreiro, ao qual é atestado em 1808-1813. Isso prova a duração da atualidade desse método considerado por Rollin como lúdico e agradável”.

Disponível em:

<https://www.reseau-canope.fr/musee/collections/fr/museum/mne/bureau-typographique-de-louis-dumas/e218410a-8464-4d4f-8377-7a44b67da2d>

Marcel Grandière (1999, p. 36) comenta essa invenção de Dumas:

“Em que consiste o sistema de Louis Dumas? O que é o desafio principal da Biblioteca das crianças ou Os primeiros elementos de letras (dois volumes, 120 e 216 p., Paris, 1732, 1733)? Trata-se de encontrar uma maneira de tornar "sensível" e agradável não só aprender a ler, mas também praticar o conhecimento de línguas, ciências e todas as artes úteis para o futuro estado das crianças. Para isso, ele inventa uma máquina de ensino feita essencialmente de uma mesa de madeira e cartões em que os olhos, ouvidos e mãos são postos no centro do processo, ao mesmo tempo em que se brinca. Na parte de cima da mesa do escritório há uma caixa com seis fileiras com trinta pequenos cubículos para guardar os cartões. Junta-se a este mobiliário de madeira uma caixa de papelão chamada "biblioteca tipográfica" de seis fileiras de escaninhos onde as crianças podem guardar seus materiais, o conjunto de mesa e biblioteca contendo cerca de 9.000 a 10.000 cartões. Mas o método de Dumas vai muito além de uma maneira de apreender "a figura de letras" em cartões: implica uma concepção de criança e uma nova forma de aprender, rompendo com o existente. Ele provoca um severo

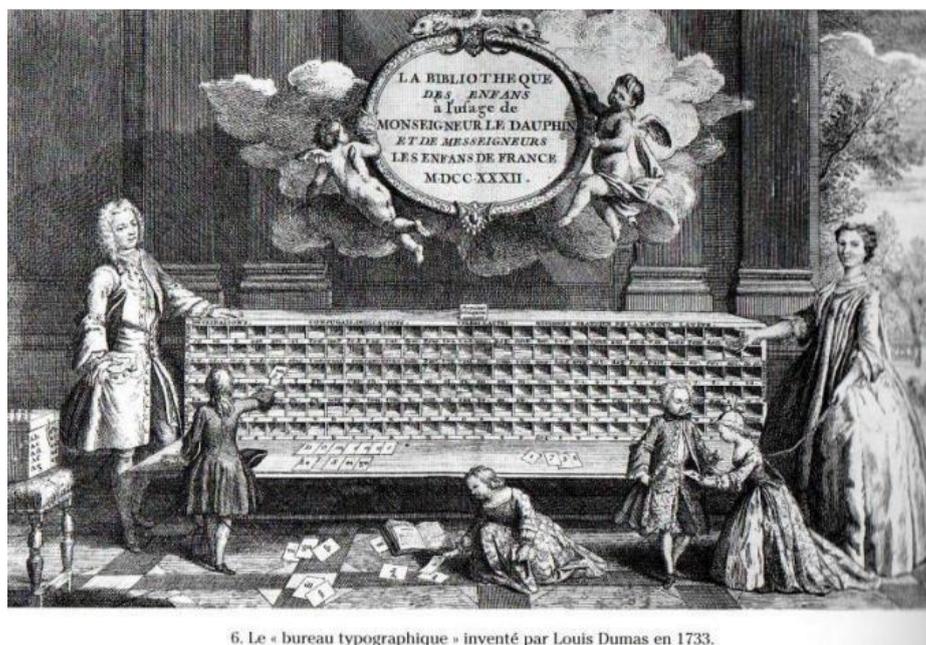
questionamento do "país latino" e do "método vulgar" das escolas públicas. A pedagogia de sistema tipográfico mostra que o grande debate educacional do século 18 se colocou em movimento."

Grandière Marcel. *Louis Dumas et le système typographique, 1728-1744*. In: *Histoire de l'éducation*, n° 81, 1999.

Disponível em:

http://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1999_num_81_1_3021

A esta longa citação necessária para concebermos o que foi o material construído por Dumas no século XVII, junto uma imagem que o representa reproduzida por Renonciat (2012, p. 378).



6. Le « bureau typographique » inventé par Louis Dumas en 1733.

A manipulação dos caracteres pelas mãos de crianças nobres implicava uma nova forma de conceber o ensino da linguagem escrita, bem diversa dessa usada nas escolas ainda hoje, a da repetição de sons que supostamente correspondem a determinadas letras. O escritório tipográfico

inaugura para os filhos da nobreza a natureza gráfica da linguagem escrita, independente da linguagem oral. Cada um obedece às regras de sua natureza específica.

Freinet não usou o escritório tipográfico, mas a prensa manual tipográfica! Desde a invenção da imprensa por Gutenberg, a escrita tipográfica circula pela vida, mas não pelas salas de aulas. Se não temos a prensa, se não temos as ferramentas utilizadas atualmente pelos usuários da escrita, voltemos ao nosso alfabeto móvel, mas para transformá-lo em um escritório tipográfico no qual as crianças poderão encontrar todos os caracteres da escrita, dupla caixa, sinais de pontuação, barras de espaço em branco, caracteres com todos os sinais de acentuação, números e demais caracteres matemáticos, negritos e itálicos.

Assim como o escritório tipográfico foi superado pela prensa manual composta pelos tipos móveis, e este pela máquina de escrever, também superada pelo computador, que está sendo aos poucos substituído pelo *smartphone*, é ainda preciso superar o alfabeto móvel. É um trabalho que exige esforço, mas não precisa ser feito tudo de uma única vez. Primeiramente, a introdução da dupla caixa, depois os sinais de pontuação, depois os caracteres com os acentos diversos e em pouco tempo a sala de aula ganhará um escritório tipográfico.

A desigualdade instalada pode tirar da criança a condição necessária para a apropriação da linguagem escrita,

mas nós, professores, lutaremos por ela é certo. Enquanto as ferramentas não chegam, o sistema da escrita não pode ser deturpado ao ser ensinado à criança, como se fosse um sistema apenas alfabético. O sistema de escrita é híbrido, composto por caracteres, em que um, se substituído por outro, muda radicalmente o significado da palavra.

CONCLUSÃO

Na pedagogia Freinet não há espaço para a prática do alfabeto móvel que apresenta apenas as letras em caixa alta. A imprensa na sala de aula exige o conjunto dos caracteres para que as crianças possam fazer enviar para longe seus textos livres, e ao mesmo tempo se apropriarem da natureza gráfica da linguagem escrita.

A insistência no uso de métodos baseados no princípio da consciência fonológica distancia os alunos do mundo real da cultura escrita, ensina como regra que se escreve o que se fala, e, portanto, induz a criança a um erro crasso, o de que a linguagem escrita está subordinada a linguagem oral, concepção esta que provoca inúmeros erros ortográficos quando as crianças são obedientes a ensinamentos de docentes sem consciência clara do que ensinam.

REFERÊNCIAS

ARENA, Adriana Pastorello Buim; ARENA, Dagoberto Buim. *Foucambert e Bajard: o encontro de Paris*. São Carlos: Editores Pedro & João, 2021.

BAJARD, Élie. *Eles leem, mas não compreendem: Onde está o equívoco?* São Paulo: Cortez, 2021.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREINET, Célestin. *A leitura pela imprensa na escola*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

RENONCIAT, Annie. Typographies pour l'enfance. (Org.) CRHISTIN, Anne-Marie. *Histoire de l'Écriture: de l'idéogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 378.